



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 18, nº. 1, janeiro-junho, 2021, p.66-81
DOI: 10.23925/1809-8428.2021v18i1p66-81

A QUERELA INTERPRETATIVA DA TEORIA DE ABSTRAÇÃO DE JOHN LOCKE E O OLHAR DE CHARLES S. PEIRCE SOBRE O ANTI-ABSTRACIONISMO DE GEORGE BERKELEY

Caique Marra de Melo

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
marramelo@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar, dada a enunciação de Charles S. Peirce acerca do caráter oportuno da refutação de George Berkeley à suposta teoria de abstração defendida por John Locke, a querela interpretativa de comentadores da obra lockiana sobre o modo através do qual o filósofo britânico compreende a universalidade das ideias, seguindo, centralmente, um esquema de subdivisão aceito por estudiosos lockianos – a saber, teoria intrínseca de abstração e teoria extrínseca de abstração –, para assim, num segundo momento, evidenciar o arbítrio berkeleyano a redundar numa *reductio ad absurdum* acerca da perspectiva de Locke sobre a capacidade de abstração humana, ratificando, segundo o pai do pragmatismo, o caráter astuto encontrado no movimento, por fim exposto, de refutação – autodenominado “golpe de misericórdia” – de George Berkeley.

Palavras-chave: John Locke. George Berkeley. Charles S. Peirce. Teoria de Abstração.

THE INTERPRETIVE QUARREL OF JOHN LOCKE'S THEORY OF ABSTRACTION AND CHARLES S. PEIRCE'S EYE ON GEORGE BERKELEY'S ANTI-ABSTRACTIONISM

Abstract: *The present article has as its objective the presentation, given Charles S. Peirce's statement about the opportunistic aspect of George Berkeley's refutation of John Locke's supposed theory of abstraction, of the interpretive quarrel from Lockian commentators on the way in which the British philosopher understands the universality of ideas, following, centrally, a subdivision scheme accepted by Lockian scholars – namely, intrinsic theory of abstraction and extrinsic theory of abstraction –, so to highlight, posteriorly, the Berkeleyan agency resulting in a reductio ad absurdum of Locke's perspective on the capacity for human abstraction, ratifying, according to the father of Pragmatism, the cunning character found in George Berkeley's rebuttal movement – self-styled “coup de grâce” – at last exposed.*

Keywords: John Locke. George Berkeley. Charles S. Peirce. Theory of Abstraction.

1. Introdução

Concorde ao fato do bispo de Cloyne ser “mais produto de Locke que de qualquer outro filósofo”¹, “Locke é o único alvo que Berkeley nomeia em seu ataque às ideias abstratas”², ainda que Berkeley reconheça, em inúmeros momentos de sua vasta obra, a historicidade precedente ao empirista inglês relativa a tal problemática. Entre a lista de possíveis motivos para tal apontamento exclusivamente voltado a John Locke encontra-se o fato da notável influência lockiana, ressaltada por Alexander C. Fraser em *George Berkeley, by the editor*³, na formação filosófica encontrada no excerto histórico abarcado pela juventude do promissor estudante irlandês desde seu ingresso aos quinze anos no Trinity College.

Consciente disso, Charles S. Peirce identifica o caráter “oportuno” da refutação às ideias abstratas de George Berkeley à medida que tal movimento de ataque se encontra baseado sobre uma discutível interpretação do Bispo – dado que o contexto passível de variadas conclusões não é exposto pelo filósofo irlandês – acerca da teoria de abstração de John Locke. A fim de se averiguar tal enredo, este artigo se propõe, primeiramente, a apresentar a “batalha” interpretativa acerca de tal abstracionismo lockiano a partir de comentadores dedicados ao estudo da obra do filósofo britânico, abrindo caminho para que o aspecto oportunista defendido por Peirce acerca do Bispo de Cloyne ganhe força contextual, possibilitando, por fim, que se chegue ao autodenominado “golpe de misericórdia” berkeleyano.

2. A querela interpretativa da teoria de abstração de John Locke

Quando se trata da problemática da concepção lockiana acerca da formação de ideias abstratas, faz-se importante ressaltar o seguinte fato: a leitura de Berkeley acerca das ideias abstratas lockianas não remonta a uma univocidade interpretativa do modo pelo qual Locke, definitivamente, as compreendeu. Assim, é justo que se diga, ao menos, haver uma dicotomia de leitura composta por perspectivas passíveis das seguintes denominações, como propõe Kenneth L. Pearce em seu texto intitulado *Locke, Arnauld, and Abstract Ideas: (1) teoria intrínseca de abstração e (2) teoria extrínseca de abstração*.

A dita *teoria extrínseca de abstração*, segundo, por exemplo, Michael Ayers em sua obra intitulada *Locke: Epistemology and Ontology*, concebe a teoria de abstração lockiana como capacidade de “consideração parcial”, a saber, um suposto poder da faculdade de representação humana de formar universais representativos por meio da consideração de apenas alguns caracteres presentes em determinada ideia. Ou seja, a capacidade de abstração se vê compreendida, segundo Ayers, não como uma separação literal de modo a criar uma ideia de conteúdo abstrato, mas como a possibilidade de se considerar uma imagem particular de maneira parcial no tocante às suas características, consistindo tal abstração num enfoque em determinados traços de uma imagem e, assim, a generalização desta justamente na

¹ CP, 8.26.

² WINKLER, K. P. Berkeley and the Doctrine of Signs. In: The Cambridge Companion to Berkeley. WINKLER, K. P. (ed.). New York: Cambridge University Press, 2005, p. 142, tradução nossa.

³ Cf. W2, I, p. XXIV-XLVII.

representação de certos caracteres, à medida que a mente volta sua atenção para estes, próprios a uma classe de particulares.

Desta maneira, denomina-se *teoria extrínseca* por não admitir uma generalização fundada numa proposta de conteúdo intrinsecamente universal da ideia, por conseguinte, negando que Locke tenha concebido o universal enquanto um tipo especial de ideia que possui sua generalidade, deste modo, por natureza. Portanto, em outras palavras, “ter uma ideia abstrata não é ter um tipo especial de ideia, mas ter uma ideia comum de uma maneira especial”⁴. Como John W. Yolton, também partidário a tal leitura extrínseca de abstração, diz: “A peculiaridade da consideração de Locke é que, uma vez que tudo o que existe é particular, não há espécies na natureza, assim como não há idéias gerais na mente. A generalidade é um modo particular de considerar ideias e coisas”⁵.

Para Ayers, portanto, Locke não estaria propondo a consideração de qualidades sensíveis independentemente de outras qualidades sensíveis que existem concomitantemente àquelas, mas sim, segundo o professor britânico, uma consideração parcial com propósito de generalização do pensamento baseada simplesmente em *focar* numa determinada porção dessas qualidades inseparáveis, sem negá-las, na representação mental, em seu modo de ser na realidade.

Se uma mente vê um pedaço de papel branco, por exemplo, pode notar que se assemelha precisamente, em relação à cor, a outros pedaços de papel; ela presta atenção à característica na qual ela se parece exatamente com essas outras e não presta atenção ou ignora (temporariamente) a forma, o tamanho etc.

Uma ideia abstrata nada mais é do que a parte “seletivamente atendida” ou “parcialmente considerada” de uma ideia (complexa) que temos de um objeto particular concreto; isso explica como temos algo em nossas mentes com o qual podemos associar uma expressão geral como “brancura”.⁶

Revela-se, assim, que, segundo tal teoria, o *status* particular ou universal da representação depende inteiramente de um fator extrínseco à ideia, sendo este justamente a consideração do sujeito em relação a uma imagem, se de denotação particular, totalizante (ou seja, considerando todas as qualidades presentes na ideia), e se tomada em caráter universal, parcial (a saber, com foco seletivo, com atenção voltada apenas a alguns caracteres ali presentes, contudo, sem movê-los a outra representação imagética apartada deste todo): em termos de Pearce, “na versão particular da teoria extrínseca atribuída a Locke por Winkler e Ayers, uma

⁴ PEARCE, Kenneth L. Locke, Arnauld, and Abstract Ideas. *British Journal for the History of Philosophy*, 27:1, 2019, p. 75, tradução nossa.

⁵ YOLTON, John W. *A Locke Dictionary*. The Blackwell Philosopher Dictionaries. Cambridge: Blackwell, 1993, p. 8, tradução nossa.

⁶ HALLA, Kim. Locke’s Abstract General Ideas as Images: Some Questions. *Philosophia Osaka* (11), March/2016, p. 46, tradução nossa.

ideia abstrata é apenas uma ideia concreta à qual a mente atende seletivamente”⁷. Como diz Ayers:

Meu próprio entendimento da consideração de Locke foi, e permanece sendo, que o que está diante da mente no raciocínio universal é para Locke simplesmente o mesmo tipo de coisa que estava diante da mente no processo de abstração envolvido na aquisição dos termos gerais em questão: isto é, determinados objetos de sentido ou imaginação, “parcialmente considerados” com respeito às características marcadas por esses termos.⁸

Como ressalta Pearce, o excerto do *Ensaio* de Locke que se segue, para Winkler, é decisivo para o estabelecimento da versão interpretativa da “consideração parcial”⁹:

[...] partes do espaço puro são inseparáveis umas das outras: não é possível separar continuidade, real ou mentalmente [...] dividir e separar mentalmente é criar na mente duas superfícies onde havia continuidade, considerá-las separadas uma da outra (o que só é possível em coisas consideradas susceptíveis a separação) [...] O homem pode, é verdade, considerar mensurável por pés o *espaço* sem considerar o resto. Essa consideração é parcial, mas não tão parcial quanto a separação ou a divisão mental: é tão impossível dividir mentalmente sem considerar duas superfícies separadas uma da outra quanto dividir atualmente sem criar duas superfícies separadas uma da outra. Considerar parcialmente não é o mesmo que separar. É possível considerar luz do sol sem calor, mobilidade do corpo sem extensão, ou sem pensar separação entre essas *ideias*. A consideração parcial detém-se num elemento isolado; a separação considera dois elementos como existindo separadamente.¹⁰

Aceitando-se o consenso de que Locke compreende representações mentais como imagens, passar a assumir a impossibilidade de formação de “ideias incompletas” torna-se uma consequência inevitável, como admitem comentadores tanto da *teoria extrínseca* quanto da *teoria intrínseca de abstração*¹¹. No entanto,

⁷ PEARCE, 2019, p. 77, tradução nossa.

⁸ AYERS, Michael. Locke’s Account of Abstract Ideas – Again. In: *Studies on Locke: Sources, Contemporary, and Legacy*. Sarah Hutton and Paul Schuurman (ed.). Dordrecht: Springer, 2008, p. 67 apud WALMSLEY, Jonathan. Locke, Ayers, and Abstraction. *Locke Studies*, v. 14, December, 2014, p. 43, tradução nossa.

⁹ Cf. PEARCE, op. cit., p. 81.

¹⁰ *EEH*, II, 13, §13.

¹¹ Cf. WALMSLEY, 2014, p. 31.

A história da filosofia está repleta de posições cuja "implausibilidade", mesmo "absurdo intrínseco", é manifesta. Mas as evidentes falhas em argumentos historicamente significativos não diminuem sua importância filosófica, nem sua participação no progresso da história intelectual.¹²

Pode-se dizer, deste modo, que a *teoria intrínseca de abstração*, por sua vez, compreende que "notar que a teoria de separação é veementemente errada, ainda que robusta, não é razão suficiente para supor que Locke deva ter tido outra opinião mais plausível"¹³. Segundo tal perspectiva, "ideias abstratas diferem intrinsecamente de ideias concretas"¹⁴, possuindo uma generalidade à medida de sua abstração, sendo, portanto, compreendidas como uma espécie reclusa de ideias inerentemente universais, supostamente capazes de representar, por natureza, muitos particulares e, para tanto, capazes de representar separadamente qualidades que não podem existir separadas.

A *teoria intrínseca de abstração* entende que Locke ao utilizar termos¹⁵ como "*framed*"¹⁶, "*form*"¹⁷, "*separating*"¹⁸ ou expressões como "*the understanding abstracts and makes those general ideas*"¹⁹ está propondo que, para além do ato de uma "atenção seletiva" de certas características de uma ideia, haja a formação de uma *nova ideia* que retém apenas o que é comum à espécie designada pela mesma, "deixando de lado" (no sentido de "excluir") certas particularidades não predicáveis a todos²⁰, de modo a situá-la na seguinte condição (amainados os pormenores que, por exemplo, ao longo da tradição de comentadores lockianos, geraram inúmeras discussões acerca do uso do termo "parcial" por Locke²¹): "Quanto mais gerais, ideias são mais incompletas e parciais"²².

Deste modo, sobressai-se o fato de que a questão limiar entre a teoria intrínseca e a teoria extrínseca de abstração, como se pode notar, reside na compreensão de tal atenção voltada a certos caracteres de determinada ideia ou (1) enquanto uma fase intermediária em vista da formação de uma ideia intrinsecamente geral (condizente à *teoria intrínseca de abstração*) – separação

¹² Ibid., p. 31-32, tradução nossa.

¹³ Ibid., p. 32, tradução nossa.

¹⁴ PEARCE, 2019, p. 76, tradução nossa.

¹⁵ Com intenção de maior especificidade, são trazidas, a seguir, expressões, em língua inglesa, utilizadas por Locke. Respectivamente: "moldada", "forma" e "separando".

¹⁶ Por exemplo, cf. *EHU*, I. 2, §12.

¹⁷ Por exemplo, cf. *EHU*, I. 2, §23.

¹⁸ Por exemplo, cf. *EHU*, II. 12, §1.

¹⁹ *EHU*, III. 3, §12, negritos nossos. Utiliza-se a expressão em língua inglesa porque a tradução em língua portuguesa não contribui à ênfase dos termos "*abstracts*" e "*makes*" usados por Locke. Em língua portuguesa encontramos a seguinte estrutura de tradução: "[...] entendimento, que cria ideias gerais por abstração".

²⁰ Por exemplo, cf. *EEH*, III. 3, §8.

²¹ Cf. WALMSLEY, 2014, p. 57.

²² *EEH*, III. 6, §32.

positiva – ou (2) enquanto a etapa final do processo de abstração (condizente à *teoria extrínseca de abstração*) – separação negativa²³.

A partir das coletas e argumentações que permeiam o panorama de debatedores profundamente preocupados com pesquisas diretamente voltadas a evidências textuais do *Ensaio*, percebe-se que excertos lockianos podem ser apresentados de modo favorável a ambas as teorias, não estando na alçada do interesse presente desta exposição um arremate final que proponha a possibilidade de coerção absoluta de um grupo de comentadores sobre o outro.

Assim, como um exemplo da dificuldade de conclusão referente a tal querela interpretativa, K. Walmsley, em meio a um de seus vários e longos debates textuais com M. Ayers, em resposta ao posicionamento de Ayers a defender que a “universalidade é uma propriedade puramente relacional de ideias”²⁴, fundada em *EEH* III. III, 11, o responde da seguinte maneira, baseando-se em *EEH* III. III, 6-9:

O argumento de Ayers seria mais convincente se fosse a soma total do que Locke disse sobre o assunto da abstração – mas essa passagem vem imediatamente depois de Locke ter elucidado em detalhes o processo pelo qual essas “criaturas” foram feitas, e como essa capacidade é conferida a elas; isto é, tomando ideias de particulares, e “separando-os” [“separating them”] de seus concomitantes, “omitindo” [“leaving out”] algumas partes, e “retendo” [“retaining”] apenas o que é comum a muitos indivíduos.²⁵

Por fim, talvez a proposta de leitura de Vere Chappell, que reconhece haver simultaneamente em Locke os dois tipos de abstração até então defendidos, ainda que, segundo o comentarista, ambos impliquem em ideias gerais por natureza²⁶ (o que, até então, seria próprio apenas da *teoria intrínseca de abstração*), possa ser entendida como uma resposta intermediária a este combate:

É claro que Locke está descrevendo duas formas diferentes de abstração [...], se não dois procedimentos diferentes. No caso apresentado no Livro II, a mente começa com uma ideia complexa, digamos uma ideia de uma mãe, percebida visualmente em uma ocasião específica. Em seguida, ele escolhe um componente dessa

²³ Cf. PEARCE, 2019, p. 82.

²⁴ AYERS, 2008, p. 70 apud WALMSLEY, 2014, p. 46, tradução nossa.

²⁵ WALMSLEY, 2014, p. 47, tradução nossa.

²⁶ Cf. CHAPPELL, Vere. Locke's Theory of Ideas. In: The Cambridge Companion to Locke. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 42, tradução nossa: “Em ambos os tipos de ideias gerais, a ideia é geral em sua própria natureza – ela é em si uma ‘natureza geral’, como diz Locke. Isso pode parecer uma violação do princípio fundamental da metafísica nominalista de Locke, o princípio de que todas as coisas existentes são particulares. Mas não é bem assim. Pois este princípio aplica-se apenas ao reino da existência real. Isso inclui objetos físicos e suas qualidades, que estão fora da mente das pessoas – e inclui as ações e eventos que ocorrem nas mentes, incluindo atos de percepção e pensamento. Mas não inclui os objetos intencionais de tais atos, que são as ideias de acordo com Locke: ideias assim concebidas são entidades, mas não entidades reais, não entidades que realmente existem ou ocorrem”.

ideia complexa, digamos a ideia simples de marrom (tomando marrom para ser a cor da pele da mãe), e se concentra apenas nisso, ignorando seus demais componentes. No caso do Livro III, a mente também começa com uma ideia complexa, suponha novamente a ideia de uma mãe. Aqui, no entanto, procede-se removendo vários componentes dessa ideia complexa, digamos as ideias simples de cor, forma, tamanho etc. de tal mãe, enquanto mantém sua atenção na ideia original, ou o que resta dela, que é agora não mais do que a ideia de uma mulher – uma mulher ou outra. Em um dos casos, a ideia abstrata, o produto pretendido da ação abstrativa da mente, é uma ideia simples, isolada da ideia complexa que originalmente a continha. No outro, a ideia abstrata é uma ideia complexa, a mesma com a qual a mente começou, carente de algum conteúdo original – uma ideia “parcial”, como diz Locke²⁷. [...] Assim, ideias que são gerais desta maneira são indeterminadas dentro de si, ao contrário das ideias gerais do Livro II, que, embora simples, são totalmente determinadas²⁸.

3. Peirce como chave de leitura acerca do “oportuno” anti-abstracionismo de George Berkeley

3.1. A interpretação berkeleyana acerca do abstracionismo lockiano

No que compete, por sua vez, à interpretação de George Berkeley acerca da teoria de abstração de Locke, pode-se partir de um específico excerto lockiano, encontrado em *EEH* IV. VII, §9 e utilizado por Berkeley no Parágrafo 13 de sua Introdução aos *Princípios*, sendo este, inclusive, apontado por Charles S. Peirce em *CP*, 8.26:

Se refletirmos bem sobre elas, descobriremos que ideias gerais são ficções, e invenções da mente, que apresentam dificuldades e que não se oferecem tão facilmente quanto tendemos a imaginar. Por exemplo, não é necessário algum trabalho e habilidade para formar-se a ideia geral de um triângulo (que não é das mais abstratas, abrangentes e difíceis), uma vez que ele não deve ser nem oblíquo, nem retângulo, nem equilátero, isósceles ou escaleno, mas tudo isso e nada disso ao mesmo tempo? Com efeito, é algo imperfeito que não pode existir, uma ideia em que algumas partes de várias ideias diferentes e inconsistentes são reunidas.

Como afirma A. A. Luce, verdadeiramente Berkeley reconheceu em tal excerto uma *reductio ad absurdum* da doutrina de abstração²⁹, possibilitando, assim,

²⁷ Ibid., p. 39-40, tradução nossa.

²⁸ CHAPPELL, 1994, p. 42, tradução nossa.

²⁹ Cf. LUCE, 1945, p. 33.

a exata leitura de Peirce em *CP*, 8.28: “Por certo havia uma oportunidade para um esplêndido golpe aqui, e ele o deu”. Fato é, ademais, que em outros inúmeros excertos ao longo de seus *Princípios*, o bispo irlandês se posiciona de modo a reforçar-se – ainda que na maioria dos casos de maneira não tão explícita quanto no exemplo trazido acima – como voz promulgadora da *teoria intrínseca de abstração* enquanto crivo de leitura em relação a Locke, como, por exemplo, neste trecho que se segue:

Houve nos últimos tempos um filósofo merecidamente estimado que, sem dúvidas, deu grande apoio a essa doutrina ao sugerir que ter ideias gerais abstratas estabelece a maior diferença, no que se refere ao entendimento, entre os seres humanos e os animais.³⁰

Marca-se, deste modo, através de uma oportuna utilização de uma “brecha” interpretativa acerca da teoria de abstração lockiana, o início da efetivação do seguinte dito berkeleyano enfatizado por Peirce: “Lemb. Dar o golpe de misericórdia no último, e. g., na questão da abstração na produção do triângulo geral de Locke”³¹.

É válido que seja salientado, em mero tom de complemento, que o senso de reprovação de Berkeley em relação à doutrina abstracionista está fundado num temor frente à série de graves consequências que, segundo o pensador de Kilkenny, podem decorrer de tal corrente de pensamento, levando-o a afirmar, por exemplo, que

Quando os homens consideram o grande esforço, engenho e talento que durante muito tempo foram empregados no aperfeiçoamento e no progresso das ciências e que, não obstante tudo isso, a maior parte delas permanece repleta de obscuridade e incerteza; que as disputas parecem jamais ter um fim; que mesmo as ciências que parecem estar apoiadas pelas mais claras e irrefutáveis demonstrações contêm paradoxos e absolutamente incompatíveis com o entendimento humano; e que, tomadas em conjunto, uma pequena parte dessas ciências não proporciona nenhum benefício real para a humanidade, senão o de ser uma inocente diversão, um entretenimento, parece-me que a consideração de tudo isso pode lançar esses mestres da abstração no desalento e no mais completo desprezo por todo estudo. Mas isso talvez possa ser evitado a partir de um exame dos falsos princípios que têm prevalecido no mundo, e, dentre todos eles, penso que talvez não exista nenhum que tenha exercido maior influência sobre o pensamento dos homens especulativos do que o das ideias gerais abstratas.³²

³⁰ *P*, Introdução, 11.

³¹ *W1*, IV, p. 448 apud *CP*, 8.28. No original em língua inglesa: “*Mem. To bring the killing blow at the last, e.g. in the matter of abstraction to bring Locke s general triangle in the last*”.

³² *P*, Introdução, 17.

3.2 O “golpe de misericórdia” do Bispo de Cloyne às ideias abstratas

Em seus *Princípios*, Berkeley admite o que muitos comentadores denominam como *argumento de impossibilidade*³³ como crivo de condição de possibilidade para a formação de ideias, de modo a até mesmo admitir, com base no princípio inerente a este argumento, uma espécie plausível de “abstração” de ideias.

É digno de ressalva, aliás, o fato de que é sobre este argumento de impossibilidade que A. A. Luce³⁴ se debruça a fim de proclamá-lo enquanto pedra angular da refutação berkeleyana, categorizando-a [tal refutação], como um todo, assim, enquanto dotada de notável simplicidade no tocante ao seu método. Por conseguinte, parecendo também ser este o caminho expositivo trilhado por Charles S. Peirce em *CP*, 8.26, ou seja, fundado inteiramente sobre o dito argumento, compete ao momento uma averiguação do cerne metodológico berkeleyano.

O Bispo reconhece uma espécie plausível de formação de “ideia abstrata” em seu décimo parágrafo da Introdução aos *Princípios*, baseando-se numa premissa segundo a qual “ideias só podem ser separadas quando seus objetos correspondentes podem ser separados”³⁵:

Se outros têm essa maravilhosa faculdade de *abstrair suas ideias*, é algo que poderão dizer melhor do que ninguém. Quanto a mim, posso dizer, certamente, que tenho a faculdade de imaginar ou de representar para mim as ideias daquelas coisas particulares que percebi e de combiná-las e dividi-las das mais variadas maneiras. Posso imaginar um homem de duas cabeças, ou a parte superior de um homem unida ao corpo de um cavalo. Posso considerar a mão, o olho e o nariz, cada qual isoladamente, abstraído ou separado do resto do corpo. Mas, nesse caso, seja qual for a mão ou o olho que eu imagine, eles deverão ter alguma forma e cor particulares. Do mesmo modo, a ideia de um homem que formo para mim deve ser de um homem branco, negro ou mulato; ereto ou curvado; alto, baixo ou de estatura mediana. Não consigo, por nenhum esforço do pensamento, conceber a ideia abstrata que acabo de descrever. E me é igualmente impossível formar a ideia abstrata de movimento diferente da de um corpo que se move e que não seja nem rápido nem lento, nem curvilíneo nem retilíneo. E o mesmo poderia ser dito de todas as demais ideias gerais abstratas, quaisquer que sejam. Para ser sincero, reconheço que sou capaz de abstrair num sentido, como quando considero algumas partes ou qualidades particulares separadas de outras, as quais, embora sejam unidas em algum objeto, podem, contudo, realmente existir sem ele.

³³ Para maior aprofundamento nesta temática, cf. DONEY, W. Berkeley's Argument against Abstract Ideas. *Midwest Studies in Philosophy*, 8, 1983, p. 295-308.

³⁴ Personificando o próprio Bispo, Luce se expressa, a respeito do âmago da refutação berkeleyana, nos seguintes termos: “Esta é a ideia abstrata, que Locke diz que devemos moldar se quisermos ter conhecimento geral. Eu tentei moldar uma ideia abstrata a partir do padrão lockiano, e não pude fazê-lo. Você pode?” (LUCE, 1945, p. 32, tradução nossa).

³⁵ WINKLER, 2005, p. 143, tradução nossa.

Deste modo, a argumentação berkeleyana determina, como explicita Daniel Flage, que o concebível coincide com o possível, podendo ser resumidamente esmiuçada a partir das seguintes premissas:

- (1) Tudo o que é impossível na existência é inconcebível.
- (2) É impossível que qualidades ou modos existam independentemente.
- (3) Portanto, é impossível conceber modos ou qualidades independentemente, *i.e.* é impossível abstrair.³⁶

Em outras palavras, estabelece-se que o *argumento de impossibilidade* diz respeito ao seguinte axioma: não podemos conceber mentalmente algo a abarcar ilogicidade ontológica, ou seja, “meu poder de conceber ou imaginar não se estende, entretanto, para além da possibilidade da real existência ou percepção”³⁷. Charles S. Peirce, então, consciente de tal argumento, apresenta a refutação de Berkeley à primeira aceção de abstração do seguinte modo:

[Berkeley] Sustenta, além do mais, que as sensações podem apenas ser, assim, reproduzidas em combinações tais como poderiam ter sido dadas na percepção imediata. Podemos conceber um homem sem cabeça, porque não existe nada na natureza dos sentidos que impeça que vejamos uma coisa assim; mas não podemos conceber um som sem altura, porque as duas coisas estão necessariamente unidas na percepção.³⁸

A partir disso, o pensador de Kilkenny reconhece ter em mãos o princípio necessário para propor uma refutação e uma alternativa àquele que, segundo ele, contribui para com a antiquíssima postura abstracionista a permear a tradição filosófica: John Locke³⁹. Fundamentada, portanto, a *relação percepção-concebibilidade*, âmago do chamado *argumento de impossibilidade*, desmorona-se o constructo da “teoria imagética que Berkeley está criticando”⁴⁰, a saber, a ideia condizente ao modo de abstração lockiano explicitado por Peirce em *CP*, 8.26, a abarcar qualidades incongruentes entre si, que, uma vez que o leitor tenha inspecionado sua própria faculdade de representação, demonstram-se inviáveis:

Se refletirmos bem sobre elas, descobriremos que ideias gerais são ficções, e invenções da mente, que apresentam dificuldades e que não se oferecem tão facilmente quanto tendemos a imaginar. Por

³⁶ FLAGE, D. E. Berkeley on Abstraction. *Journal of the History of Philosophy*, v. 24, n. 4, October/1986, p. 489, tradução nossa.

³⁷ *P*, I, 5.

³⁸ *CP*, 8.26.

³⁹ Cf. *P*, Introdução, 11.

⁴⁰ CRAIG, 1968, p. 430, tradução nossa.

exemplo, não é necessário algum trabalho e habilidade para formar-se a ideia geral de um triângulo (que não é das mais abstratas, abrangentes e difíceis), uma vez que ele não deve ser nem oblíquo, nem retângulo, nem equilátero, isósceles ou escaleno, mas tudo isso e nada disso ao mesmo tempo? Com efeito, é algo imperfeito que não pode existir, uma ideia em que algumas partes de várias ideias diferentes e inconsistentes são reunidas.⁴¹

Deste modo, sem se preocupar com complexificações concernentes à acepção de ideia geral abstrata de acordo com o Bispo de Cloyne, ou seja, referente a uma possível terceira acepção de ideia abstrata, Charles S. Peirce se expressa de modo a evidenciar que é a partir do *argumento de impossibilidade* que Berkeley colhe sua refutação à segunda acepção de abstração (totalizando, assim, seu movimento de refutação), uma vez que, segundo a perspectiva abstracionista combatida por Berkeley, “assim como a mente forma para si ideias abstratas de qualidades ou propriedades, ela também consegue alcançar, *mediante a mesma técnica ou separação mental*, ideias abstratas de seres mais complexos”⁴². Portanto, solapando-se a possibilidade de realização da “técnica mental” presente na primeira acepção, segue-se, segundo a perspectiva de leitura peirciana, a refutação, por consequência, estendendo-se a efetivação do princípio de relação percepção-concebibilidade, da segunda acepção de ideia abstrata. O filósofo norte-americano se expressa do seguinte modo:

Partindo desse princípio [ou seja, de que as sensações podem apenas ser, assim, reproduzidas em combinações tais como poderiam ter sido dadas na percepção imediata], nega que possamos ter quaisquer ideias gerais abstratas, isto é, que os universais possam existir na mente; se eu pensar em um homem, deve ser ou em um homem baixo ou em um homem alto ou em um de altura mediana, porque se eu vir um homem, ele deve ser um ou outro desses.⁴³

Por conseguinte, colhe-se de tal refutação, conseqüentemente, a necessidade de uma transposição a respeito do âmbito próprio à universalidade de um termo – para Berkeley, do âmbito da natureza da ideia, ou seja, de uma generalidade intrínseca, para uma generalidade sígnica –, dado que Berkeley não advoga em favor de uma completa rejeição de todo e qualquer tipo de generalidade das ideias⁴⁴. Assim, para além de uma refutação majoritariamente baseada sobre uma argumentação de impossibilidade, Berkeley se coloca a propor uma alternativa ao problema da filosofia da linguagem de John Locke, que “efetivamente exige que cada termo seja o nome de uma ideia, e isso o força⁴⁵ a encontrar ideias para

⁴¹ *EEH*, IV. 7, §9 apud *CP* 8.26.

⁴² *P*, Introdução, 9.

⁴³ *CP*, 8.26.

⁴⁴ Como mais um exemplo, cf. *P*, Introdução, 15.

⁴⁵ Um exemplo desta consequência está pressuposto no seguinte trecho: “[...]. Não é difícil imaginar que um casal de crianças não possa tagarelar sobre seus doces e chocalhos, e o resto de seus pequenos adornos, até que tenham primeiro juntado inúmeras inconsistências, e assim tenham

termos gerais nomearem”⁴⁶, evidenciando-se que, para Locke, portanto, “as palavras se tornam gerais ao ser convertidas em signos de ideias gerais”⁴⁷.

Assim, cabe sedimentar, primeiramente, o posicionamento do bispo frente ao princípio trazido pelo pai do empirismo inglês, segundo o qual “pensou-se que todo nome tinha, ou deveria ter, um só significado preciso e estabelecido”⁴⁸, sendo este, aliás, de acordo com Berkeley, um notável fator contribuinte à “ingestão” da corrente de pensamento abstracionista ao longo dos tempos.

Segundo o Bispo, tal princípio lockiano não parece possuir absoluta evidência de efetivação, uma vez que “ninguém negará que entre os homens de ciência há muitos nomes em uso que nem sempre sugerem aos demais homens ideias particulares determinadas”⁴⁹, ou sequer parece apresentar-se como necessário, pois, em se tratando de nomes significativos, estes não suscitam, a todo uso, uma ideia ao entendimento, parecendo, no mais, que

[...] são quase sempre usados como as letras são usadas em álgebra, ou seja, embora cada letra represente uma quantidade particular, não é necessário, para calcular corretamente, que em cada passo cada letra sugira ao nosso pensamento a quantidade particular cuja representação lhe foi designada.⁵⁰

É fato que, “ao longo de seus *Princípios*, Berkeley afasta-se [cada vez mais] radicalmente da suposição de que todo nome significativo representa uma ideia, argumentando que há muitas palavras que nunca representam ou significam ideias”⁵¹⁵².

No que compete à dita alternativa berkeleyana, exigida contextualmente pela refutação exposta por Peirce, pode-se dizer que, uma vez excluída a possibilidade de uma generalidade residente no conteúdo de uma ideia, que implicaria numa abstração a exigir a representação de qualidades sem correspondência à logicidade da percepção, Berkeley propõe uma universalidade da ideia fundada num ato deliberado do entendimento⁵³, que a capacita enquanto *signo*, pressupondo-se,

formado em suas mentes ideias gerais abstratas, e as tenham anexado a cada substantivo comum de que fazem uso?” (*P*, I, 14 apud *CP*, 8.27).

⁴⁶ STONEHAM, Tom. Berkeley on Abstraction, Universals, and Universal Knowledge. In: *The Problem of Universals in Early Modern Philosophy*. Stefano Di Bella and Tad D. Schmaltz (ed.). New York: Oxford University Press, 2017, p. 272, tradução nossa.

⁴⁷ *EEH*, III. III, §6.

⁴⁸ *P*, I, 18.

⁴⁹ *P*, Introdução, 19.

⁵⁰ *P*, Introdução, 19.

⁵¹ Por exemplo, cf. *P*, I, 138-139, onde Berkeley defende que não há nenhuma ideia significada pelos termos “alma”, “espírito” e “substância”.

⁵² WINKLER, 2005, p. 148, tradução nossa.

⁵³ Cf. STONEHAM, 2017, p. 275.

assim, que “uma ideia considerada em si é particular, mas ao representar ou significar todas as outras ideias particulares do mesmo tipo torna-se geral”⁵⁴:

O alvo de Berkeley é qualquer visão que implique numa ideia ou objeto de pensamento com generalidade inerente. Ele acredita que objetos de pensamento são inescapavelmente particulares, e que pensamento geral é uma questão de se atentar seletivamente a características que são, no objeto, inseparavelmente unidas a outras que nós, naquele momento, ignoramos. [Em outras palavras,] A ideia em si não muda; a mente a assume como tal como é, e faz com que ela represente outras ideias, atentando-se seletivamente a algumas características, ignorando tantas outras.⁵⁵

Assim, de modo parelho à “generalidade da matemática [que] surge da capacidade de objetos percebidos funcionarem como signos”⁵⁶, e a dispor de uma perspectiva segundo a qual nem tudo que é percebido é considerado – tomando, portanto, para si os fundamentos da *teoria extrínseca de abstração*, tal como a defendida por inúmeros comentadores por ser a atitude de John Locke⁵⁷ (leitura esta, obviamente, negada por Berkeley) –, para Berkeley a universalidade de uma ideia passa a consistir não “na natureza ou na concepção positiva e independente de alguma coisa, mas na relação que ela possui com os particulares significados ou representados por ela”⁵⁸. Como afirma no excerto que se segue:

[...] suponhamos que um geômetra esteja demonstrando o método de dividir uma linha em duas partes iguais. Ele traça, por exemplo, uma linha preta de uma polegada de comprimento; essa linha, que em si é particular, é, no entanto, geral em relação a seu significado, pois, do modo como aqui é utilizada, representa todas as linhas particulares, quaisquer que sejam. Desse modo, o que é demonstrado acerca dela fica demonstrado acerca de todas as linhas, ou, em outras palavras, de uma linha em geral.⁵⁹

Vê-se, portanto, que o comprimento e a cor da linha em questão não entraram em consideração enquanto parte de qualquer demonstração possível, ainda que não tenham sido excluídos da ideia, levando-se a compreender, por conseguinte, que tais caracteres, em favor da universalidade da linha enquanto signo de muitas, simplesmente não receberam atenção no tocante às suas qualidades determinadas

⁵⁴ P, Introdução, 12

⁵⁵ WINKLER, op. cit., p. 143-144, tradução nossa.

⁵⁶ JESSEPH, Douglas M. Berkeley's Philosophy of Mathematics. In: The Cambridge Companion to Berkeley. WINKLER, K. P. (ed.). New York: Cambridge University Press, 2005, p. 277, tradução nossa.

⁵⁷ Cf. seção 2.1 desta dissertação.

⁵⁸ P, I, 15.

⁵⁹ P, Introdução, 12.

e particulares que lhes despojariam da possibilidade de representação de toda uma sorte de linhas.

Por fim, concluindo a exposição da presente temática, segue mais um trecho no qual Berkeley, explicitamente, se apresenta como expoente defensor da doutrina de “atenção seletiva”, com o adendo de uma direta vinculação deste posicionamento enquanto opositor à teoria de abstração supostamente defendida – de acordo com sua perspectiva – por John Locke:

[...] se deve reconhecer que um homem pode considerar uma figura meramente como triangular, sem prestar atenção nas qualidades particulares dos ângulos ou nas relações entre os lados. Até aqui se pode abstrair, mas isso nunca provará que se possa formar uma ideia geral abstrata, contraditória, de um triângulo. Da mesma maneira, podemos considerar Peter apenas um homem ou um animal, sem formar a ideia abstrata antes mencionada, seja de homem, seja de animal, visto que tudo que é percebido não é considerado.⁶⁰

4. Considerações finais

Mostrou-se que o caráter “oportuno” evidenciado por Charles S. Peirce acerca da refutação de George Berkeley às ideias abstratas de John Locke se vê respaldado pela adesão berkeleyana à plausibilidade da teoria extrínseca de abstração ao passo que a reivindica para si e, então, passa a legar ao pai do empirismo o rótulo de incongruência lógica à medida de sua suposta aceitação de uma descontinuidade entre a estrutura imagética das percepções sensoriais e o conteúdo das representações mentais.

Tal pretensão “aproveitamento” evidenciado por Peirce garante ao Bispo, segundo o filósofo norte-americano, o impulso epistemológico necessário para a dedução de um idealismo de teor imaterialista-platônico, uma vez que o princípio percepção-concebibilidade é estendido pelo Bispo, por exemplo, ao argumento de lacuna de razoabilidade da principal função da matéria, que, segundo o pensador de Kilkenny, seria *suportar* acidentes⁶¹: portanto, se toda relação de suporte dada imediatamente aos indivíduos respeita a relação lógica de “ideia suportando ideia” – dado que, para Berkeley, equiparando qualidades objetivas e sensações subjetivas, tudo o que a experiência proporciona imediatamente aos sentidos são ideias –, a hipótese de algo incognoscível (a saber, a matéria, uma vez que esta, segundo o Bispo, carece de definição positiva) a suportar ideias implicaria numa invencível inconcebibilidade.

⁶⁰ P, Introdução, 16.

⁶¹ “Reconhece-se que ela [a matéria] é conhecida apenas como *suportando* os acidentes dos corpos; e a palavra “suportando”, nesse contexto, é uma palavra sem sentido. Nem existe qualquer necessidade para a hipótese para a hipótese de corpos externos. O que observamos é que temos ideias. Se houvesse qualquer utilidade em supor coisas externas, seria para dar conta desse fato” (CP, 8.29).

[...] não podemos conceber o que não podemos conhecer [...] então não podemos relacionar os incognoscíveis com os conhecidos (ou os potencialmente sujeitos à nossa cognição), fazendo a afirmação dos nominalistas, que os incognoscíveis restringem nosso pensamento, uma afirmação vazia ou sem sentido.⁶²

* * *

References:

- AYERS, M. Locke: **Epistemology and Ontology**. 2 vols. New York: Routledge, 1991.
- AYERS, M. Locke's Account of Abstract Ideas – Again. In: **Studies on Locke: Sources, Contemporary, and Legacy**. Sarah Hutton and Paul Schuurman (ed.). Dordrecht: Springer, 2008, p. 59-73.
- BERKELEY, G. **The Works of George Berkeley, D. D., formerly bishop of Cloyne: Including his Posthumous Works**. Alexander Campbell Fraser (ed.). 4 vols. Oxford: Clarendon Press, 1901.
- _____. **The Works of George Berkeley, D. D., formerly bishop of Cloyne: Including many of his writings hitherto unpublished**. Alexander Campbell Fraser (ed.). 4 vols. Oxford: Clarendon Press, 1871.
- _____. **Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano**. In: *Obras Filosóficas*. Tradução, apresentação e notas de Jaimir Conte. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, p. 29-165.
- CHAPPELL, V. Locke's Theory of Ideas. In: **The Cambridge Companion to Locke**. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 26-55.
- CRAIG, E. J. Berkeley's Attack on Abstract Ideas. **The Philosophical Review**, v. 77, n. 4, October, 1968, p. 425-437.
- DE WAAL, C. The Real Issue Between Nominalism and Realism, Peirce and Berkeley Reconsidered. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, v. XXXII, n. 3, Summer, 1996, p. 425-442.
- FLAGE, D. E. Berkeley on Abstraction. **Journal of the History of Philosophy**, v. 24, n. 4, October, 1986, p. 483-501.
- HALLA, K. Locke's Abstract General Ideas as Images: Some Questions. **Philosophia OSAKA** (11), March, 2016, p. 41-54.
- JESSEPH, D. M. Berkeley's Philosophy of Mathematics. In: **The Cambridge Companion to Berkeley**. WINKLER, K. P. (ed.). New York: Cambridge University Press, 2005, p. 266-310.
- LOCKE, J. **An Essay Concerning Human Understanding**. Edited by Alexander Campbell Fraser. Vol. II. Oxford: Clarendon Press, 1894.

⁶² DE WAAL, 1996, p. 431, tradução nossa.

_____. **Ensaio sobre o Entendimento Humano**. Tradução, apresentação e notas de Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LUCE, A. A. **Berkeley's Immaterialism**: A Commentary on his "A Treatise concerning the Principles of Human Knowledge". London: Thomas Nelson, 1945.

PEARCE, K. L. Locke, Arnauld, and Abstract Ideas. **British Journal for the History of Philosophy**, 27:1, 2019, p. 75-94.

PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. 8 vols. Disponível em: <<https://colorysemiotica.files.wordpress.com/2014/08/peirce-collectedpapers.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2019.

STONEHAM, T. Berkeley on Abstraction, Universals, and Universal Knowledge. In: **The Problem of Universals in Early Modern Philosophy**. Stefano Di Bella and Tad D. Schmaltz (ed.). New York: Oxford University Press, 2017, p. 267-284.

WINKLER, K. P. Berkeley and the Doctrine of Signs. In: **The Cambridge Companion to Berkeley**. WINKLER, K. P. (ed.). New York: Cambridge University Press, 2005, p. 125-165.

YOLTON, J. W. **A Locke Dictionary**. The Blackwell Philosopher Dictionaries. Cambridge: Blackwell, 1993.